

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

JOSÉ PAI DE JESUS

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE E OITO)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Fevereiro de 22

ÍNDICE

A GÊNESE.....	03
BÍBLIA Mateus Cap.1 v.18.....	04
BÍBLIA Mateus Cap.2 v.13.....	04
BÍBLIA Mateus Cap.13 v.55.....	04
BÍBLIA Lucas Cap.1 v.27.....	04
BÍBLIA Lucas Cap.2 v.4 e 16.....	05
BÍBLIA Lucas Cap.3 v.23.....	05
BÍBLIA Lucas Cap.4 v.22.....	05
BÍBLIA João Cap.6 v.42.....	05
JESUS PERANTE A CRISTANDADE.....	05
ROMA E O EVANGELHO – COMUNICAÇÃO XIV.....	06
ROMA E O EVANGELHO – COMUNICAÇÃO XXXI.....	06
FENÔMENOS ESPÍRITAS E ANÍMICOS.....	07
LEVANTAR E SEGUIR.....	07
ENCONTROS COM JESUS – A GRANDE VIAGEM.....	08
ENCONTROS COM JESUS –O PERGAMINHO DE ISAIAS.....	11
ENCONTROS COM JESUS –COLÓQUIO EM FAMÍLIA	12
OS MISTÉRIOS DO UNIVERSO.....	15
MENSAGEM FINAL.....	16

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução

.....Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda a ideia de misticismo, fazem objeto do primeiro capítulo, intitulado: Caracteres da revelação espírita. Pedimos séria atenção para este ponto, porque, de certo modo, está aí o nó da questão.

Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.

Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é o que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem a sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá.

O Livro dos Espíritos só teve considerado o seu crédito, por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867, completou o seu primeiro período decenal. Nesse intervalo, os princípios fundamentais; cujas bases ele assentara, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, por virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Este o resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido a redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da Revue não tido ensejo de notar, sem dúvida, em forma de esboços a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. A Revue, muita vez, representa para nós um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina.

BÍBLIA

Diversos

Mateus Cap. 1 v. 18-25

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Que estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz; Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, Que traduzido é: Deus conosco. E José, despertando do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher; E não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus.

Mateus Cap. 2 v. 13-15

E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José num sonho, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho.

Mateus Cap.13 v. 55

Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas?

Lucas Cap.1 v. 27

A uma virgem desposada com um homem, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

Lucas Cap. 2 v. 4-16

E subiu também José da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi),
A fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.
E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.
E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.
Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho.
E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.
E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:
Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.
E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.
E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:
Glória a Deus nas alturas, Paz na terra, boa vontade para com os homens.
E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros:
Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber.
E foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura.

Lucas Cap. 3 v. 23

E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José, e José de Heli,.....

Lucas Cap. 4 v. 22

E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca; e diziam: Não é este o filho de José?

Lucas Cap. 6 v. 42

E diziam: Não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como, pois, diz ele: Desci do céu?

JESUS PERANTE A CRISTANDADE

Frederico P. Silva Júnior – Espírito: Francisco L. Bittencourt Sampaio

Cap. III §1 (49)

Seguindo as leis e os costumes dos seus maiores, o virtuoso varão José, acompanhando a **esposa de Deus**, (Nota1 ao final da apostila) fez-se presente nas festas da Páscoa, instituídas pelo grande legislador Moisés, para comemorar o dia da passagem do povo hebreu das terras do cativo para as terras prometidas á sua liberdade.

ROMA E O EVANGELHO

D. José Amigó y Pellicer

Comunicação XIV

Ele é a virtude, porque é a expressão da lei. Tendo Maria por mãe e José por pai, ele nasce na humildade, porque vem para destruir o fanatismo do orgulho, e para que os pobres filhos do povo sofram com resignação e esperem no amor do Pai. (João)

Comunicação XXXI

31º junho de 1874

Eu sou José, o esposo de Maria e o guarda de Jesus nos primeiros anos da sua vida. Vigiai, irmãos.

Poucas palavras tenho a dizer-vos, porque a Verdade já desceu em torrentes sobre vós, e agora vos cumpre fazê-la frutifica; que não seja isso a semente da parábola derramada entre as pedras. Venho a vós também como um testemunho dos favores com que vos distinguiu o Ser Supremo, para dar-vos a prova da sua misericórdia. Vigiai; porque as provas da misericórdia despertam terríveis responsabilidades. Ai dos indiferentes! Ai dos pusilânimes! Ai dos orgulhosos! Ai dos filhos da mulher de Ló!

A prova da misericórdia saltar-lhes-á ao rosto, e será a sua vergonha e o seu verme roedor. Vigiai, vigiai.

No terreno da teoria e da palavra, cumpris hoje o vosso dever, com a publicação do livro. Dele vos digo que será um pequeno roedor a parte exclusivamente vossa; mas vos afirmo que aquela que é o fruto da inspiração será um demolidor poderoso e um regenerador ativo e eficaz.

Se pelo estudo e com a palavra cumpristes o vosso dever, falta-vos ainda muito na cultura do sentimento e na reforma do vosso modo de proceder.

Não sejais insensatos, não desprezeis as repetidas admoestações, não sejais fracos, e não vos mostreis indiferentes a tanta luz. Quão ditosos podeis ser! Vigiai, vigiai!

O livro que ides publicar é devido à inspiração superior chamada pela vossa iniciativa e pelo vosso estudo. As verdades que ele contém o mundo tinham de sabê-las; porque os tempos se avizinham, e, se não fôsseis os instrumentos dessas verdades, outros teriam sido indefectivelmente os escolhidos. Daí graças a Deus por terdes sido os chamados, sem quererdes investigar as competentes causas.

Duas coisas se têm a considerar no livro: a inspiração espiritual e a intervenção humana. A respeito da primeira, cabe-me dizer-vos que é toda devida a Espíritos de luz e de verdade que vieram a vós em cumprimento especial da sua missão de amor e como fiéis instrumentos da prova de misericórdia a que vos sujeitou a sabedoria divina. Na inspiração, fostes ainda mais felizes do que

julgais, pois alguns dos Espíritos inspiradores recebiam a seu turno a inspiração dos mais elevados pensamentos. A respeito da intervenção humana na composição e no fraseado do livro de que vos falo, só vos direi que a guiou um bom desejo e que ela não forma contraste desagradável com os pensamentos inspirados, devendo acrescentar que, no conjunto, há mais inspiração do que julgais.

Não temais as consequências da publicação do livro; os Espíritos que com a suprema permissão souberam inspirar-vos, saberão do mesmo modo dirigir o sucesso pelas sendas convenientes. Dia virá em que abençoareis a publicação do vosso trabalho.

Vigiai, irmãos; não esqueçais que passais por uma prova difícil da misericórdia; pensai nos homens da raça adâmica.

José

FENÔMENOS ESPÍRITAS E ANÍMICOS

Alfredo Miguel

Lê-se no Novo Testamento que, tendo José em mente separar-se de Maria, por causa de gravidez prematura, visto não haver ainda coabitado com ela, um anjo lhe apareceu enquanto dormia, persuadindo-o que o caso não era para sobressalto e nem trazia infamação à sua honra. Mais tarde, já depois do nascimento de Jesus, volta de novo, em sonho, o mesmo espírito a prevenir a José que fugisse para o Egito, a fim de escapar à ira de Herodes. Morto o tetrarca, em data posterior ao massacre das crianças que ele ordenara, pela terceira vez o solícito mensageiro espiritual entra em comunicação onírica com o esposo de Maria, anunciando a cessação do perigo e ordenando o seu regresso a Belém. (Mateus 1:19-20; 2:13; 2:19-20).

LEVANTAR E SEGUIR

Francisco Cândido Xavier – Emmanuel

José da Galileia

*E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe
Apareceu um anjo do Senhor, dizendo:
- José, filho de David, não temas receber a Maria.
(Mateus 1:20)*

Em geral, quando nos referimos aos vultos masculinos que se movimentam na tela gloriosa da missão de Jesus, atentamos para a precariedade dos seus companheiros, fixando, quase sempre, somente os derradeiros quadros de sua passagem no mundo.

*

É preciso, porém, observar que, a par de beneficiários ingratos, de ouvintes indiferentes, de perseguidores cruéis e de discípulos vacilantes, ouve um homem integral que atendeu a Jesus, hipotecando-lhe o coração sem mácula e a consciência pura.

*

José da Galileia foi um homem tão profundamente espiritual que seu vulto sublime escapa às análises limitadas de quem não pode prescindir do material humano para um serviço de definições.

*

Já pensaste no cristianismo sem ele?

Quando se fala excessivamente em falência das criaturas, recordemos que houve tempo que Maria e o Cristo foram confiados pelas Forças Divinas a um homem.

*

Entretanto, embora honrado pela solicitação de um anjo, nunca se vangloriou de dádiva tão alta.

*

Não obstante contemplar a sedução que Jesus exercia sobre os doutores, nunca abandonou a sua carpintaria.

*

O mundo não tem outras notícias de suas atividades senão aquelas de atender às ordenações humanas, cumprindo édito de César, e as que no-lo mostram no templo e no lar, entre a adoração e o trabalho.

*

Sem qualquer situação de evidência, deu a Jesus tudo quanto podia dar.

A ele deve o cristianismo a porta da primeira hora, mas José passou no mundo dentro do divino silêncio de Deus.

ENCONTROS COM JESUS

Walace Neves – Yvonne A. Pereira

A Grande Viagem

A velha Nazaré, "a flor da Galileia", era um pequeno e simples povoado localizado sobre colina na parte central de um vale rodeado por outros montes um pouco mais elevados, região mais para o sul da cadeia do Líbano.

O lugarejo definia-se a cerca de vinte e cinco quilômetros, nas proximidades do Mar da Galileia, nove a oeste do Monte Tabor, a cento e quinze quilômetros de Jerusalém e ao sul da cidade, entre o Mar da Galileia e o litoral do Mar Grande, inclusive a Planície de Esdrelon ou Vale de Jezreel.

Suas casas geralmente possuíam um único cômodo ligado a uma gruta na rocha escavada à mão por ser muito maleável e, naquele chão, o pequeno Jesus aprendeu a caminhar e a falar; cresceu e foi educado, uma localidade menosprezada até mesmo pelos judeus, "crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens".

Naquela noite, no ano de três mil, setecentos e vinte e oito, na contagem do calendário judaico, na primeira vigília delimitada entre as seis horas da tarde e as vinte e quatro horas, a família se reuniu para a última refeição do dia e para o diálogo feliz a respeito de assuntos variados, inclusive a respeito das triviais ocorrências do vilarejo e da oficina, da produtividade e ainda para as orações de louvor e de gratidão a Deus pelo transcurso do dia.

Miriam, com delicadeza na voz, informou sobre o convite recebido das famílias Efrat e Judah para o casamento de seus filhos Enzo e Rebeca.

— São nossos amigos e vizinhos, que há bastante tempo se mudaram para Caná. Não é tão longe, alguns *estádios* de distância, apenas, o que vocês acham?

Os filhos aprovaram, inclusive as filhas, animadas com a possibilidade de irem a uma festa, sobretudo de casamento.

José permaneceu em silêncio, pensativo como sempre fizera diante de questões a respeito das quais deveria opinar, o que não passou despercebido por Miriam.

— E você José, o que está conjecturando?

— Penso que nossos bons amigos devem ser prestigiados - respondeu, atencioso. — Realmente são poucos *estádios* de distância entre Nazaré e Caná. Contudo, considerando as viagens de ida e de volta, os sete dias tradicionais dedicados à festa hão de consumir um tempo razoável.

— Sinto que há mais coisas que você deve ter considerado enquanto estava em silêncio — interviu Miriam. — Tenho razão?

— Tem, sim. Estamos com encomendas para a carpintaria, pois somos os únicos em Nazaré. Há prazos determinados para entrega da nossa produção e, sem vocês, a produtividade ficará mais lenta. Se eu for, não poderemos cumprir com nossos compromissos.

— E você, meu filho - questionou ao mais velho que, como o pai, também permanecera silencioso —, o que pode acrescentar?

— Mãe querida - iniciou ele, a expressar a ternura com que sempre a tratava, segurando-lhe as mãos -, é inevitável e compreensível a ausência do meu pai na festa das núpcias, mas os nossos amigos compreenderão sem dificuldades. Deveremos ir.

- Meu coração me diz que você tem algo mais sério a nos dizer, há alguns dias guardo um sentimento de expectativa com relação a isso.

— É preciso que eu vá antes, minha mãe, pois é chegado o momento de atender ao chamado do Pai Celeste. João está no Jordão, nas proximidades de Adamá, nas terras de Betabara, a anunciar para centenas de peregrinos, em conversões, a proximidade do reino dos céus, e anuncia a vinda do "ungido". A partir daí, seguirei as determinações de Deus, expressas pela intuição dos profetas.

— Mas tome cuidado, procurei as profecias nas Escrituras e identifiquei sua missão. Ainda hoje, beirando os quarenta e cinco anos de idade, recordo-me do que disse quando

tinha apenas quinze: “a minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador; porque atentou na baixeza de sua serva”, por ter confiado aos meus braços o Seu precioso tesouro, mas não me esqueço de que antes de tudo sou mãe.

“Aqui em Nazaré, muitos o idolatram por sua bondade e orientações a quantos lhe pedem, mas não deixo de observar, com relação a você, principalmente na sinagoga, a inveja dos escribas, a hipocrisia dos saduceus e fariseus a disputarem a hegemonia das atenções, a falsa sabedoria dos anciãos, o despeito dos sacerdotes e, como aqui neste pedaço de chão os há também lá fora.”

— Mas nada farão, mãe querida, por falta de força moral. Esse mesmo povo, porém, de futuro, me rejeitará. Tranquiliza seu coração, pois a minha hora final, no mundo, se acha distante.

— Preocupo-me com todos os meus filhos e me manifesto dessa maneira porque sei que tanto seu pai quanto suas irmãs e irmãos não identificam, em si mesmos, quaisquer pontas de despeito, de ciúmes enganosos ou se sentem preteridos. Todos nós, embora não alcancemos, de pronto, a magnitude de seu compromisso com o Pai Celeste, conseguimos aprender a vê-lo como é. Compreendemos que mesmo amando-o muito, você não é nosso, mas mesmo assim, preocupamo-nos na condição de mãe, de pai e de irmãos.

— Sou o que sou, mãe amada, com plena consciência de espírito imortal, e o Pai não me concedeu qualquer privilégio, o que seria injusto com a bênção da maternidade, seu desenvolvimento por nove meses, o parto e com tantas outras crianças. Entretanto, nasci pequenino e frágil como qualquer bebê, necessitado de acolhimento e de amamentação, do colo aquecido e carinhoso da mãe e do olhar vigilante e amoroso do pai, dos cuidados ante os perigos naturais que a terra oferece, da educação primorosa como o despertar, na mente espiritual, do acervo de lembranças e conhecimentos acumulados nos milênios existenciais e, sobremaneira, de uma família muito especial, embora eu a tenha, na consciência profunda, ampliada para além de nossa porta, de Nazaré, de além Jordão e do lago. Sem limites. Por isso é preciso que eu vá adiante. Partirei antes de o sol nascer, de madrugada; ao retornar, iremos juntos à festa de Caná.

Agora vou lhes revelar porque sempre afirmo: “a minha alma engrandece ao Senhor; e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador...”. Falo assim porque o Senhor se dignou a olhar para a minha pequenez como sua serva, ao engrandecer a minha capacidade de amar, que eu desconhecia.

“Certa noite, senti uma inquietude estranha, mas não perturbadora. José já se havia desposado de mim e algo parecido aconteceu com ele. Pelo vão aberto de janela no alto da parede, quase no teto, vi a beleza da Estrela Polar, guia de todos os viajantes, a cintilar contra o céu escuro pontilhado de tantos outros brilhantes estelares. Senti-me extasiada e, em pouco tempo, aquela luminosidade cresceu com tal intensidade que inundou meu quarto como uma névoa e, no meio daquela luminosidade, formou-se um espírito que se denominou Gabriel. Disse-me que não temesse coisa alguma e que, há séculos, eu havia sido a escolhida para ser a mãe do Redentor. Ao tomar a minha mão na sua, arrebatou-me e me conduziu com ele. Não sei para onde fomos e, em êxtase, eu o vi, meu filho, diante de mim, tão bonito... Abracei-o com a ternura da mãe que ainda não era e sua luz me invadiu. Não posso descrever se eu estava em você ou você estava em mim. Acordei pela manhã

com uma alegria que jamais havia experimentado. Meu coração transborda até hoje, como agora.

— Minha mãe - respondeu, olhando-a no rosto e, estendendo o braço, colocou sua mão sobre o coração materno -, estamos unidos para a eternidade.

Naquele instante, para a emoção de todos, misteriosamente as chamas das candeias bruxulearam quase a se extinguirem e a penumbra se invadiu por doce claridade, como de luar a se exteriorizar daquelas duas almas 'eleitas'.

No silêncio da noite, as candeias voltaram a brilhar quando a névoa luminosa se desfez e cada um buscou o seu recanto para o repouso; e somente ele se dirigiu ao exterior da casa, permanecendo em muda prece, a contemplar a imensidão estrelada. E durante a madrugada, ele partiu rumo a Betânia Além Jordão, mais conhecida como Betabara.

O Pergaminho de Isaias (Cap. 4 §63 Pág. 50)

E assim fizeram: expulsaram Jesus e, quando o conduziam para o alto da montanha, o Messias passou por eles, atravessou-os, sem que pudessem detê-lo, e se foi caminhando rua afora.

Em casa, José e Maria o receberam com preocupações quanto ao desenrolar dos acontecimentos.

— Meu pai e minha mãe, tranquilizem seus corações. No vasto campo da vida, estou ainda no início da semeadura das boas novas e, segundo a vontade do Pai, há caminhos a percorrer, muitas glebas para arrotear e outras prontas para a semeadura. Há corações indiferentes como solos ressequidos e pobres, outros simples e ignorantes como o chão apropriado para o adubo, outros mais abertos às claridades celestes, à semelhança da eira fértil e pronta. O Pai me concedeu o tempo necessário para alcançar a época de ver os brotos e os rebentos se alevantarem da terra em busca do sol, mas o branquear dos cachos e o amadurecimento das espigas virão com a continuidade de muitos braços e mãos que, desde cedo, terão a antevisão da colheita, no futuro.

— E agora, meu filho - interrogou Miriam, aflita -, o que faremos depois daquele visível antagonismo e rejeição a você?

— Vivemos aqui em Nazaré o tempo necessário para a conservação do meu anonimato e tenho agradecido ao Pai por me ter concedido uma abençoada família. Mas agora é necessário que saíamos. Vamos para Capernaum, pois um novo tempo nos aguarda. Irei adiante, minha mãe, no momento a minha permanência trará aborrecimentos desnecessários. Quando perceberem que não mais estou em Nazaré, aquietar-se-ão por suas consciências não mais se sentirem incomodadas. Sairei antes do Sol nascer e um pouco mais adiante irão vocês.

— Nós o abençoamos, meu filho! - falaram Miriam e José antes de se recolherem para o repouso noturno.

Jesus, por longo tempo sentado à mesa, ficou a observar a chama silenciosa da única candeia que ficara acesa, a meditar, a refletir sobre o significado de tão pequenina chama a

romper, com vigor, as sombras do ambiente, empurradas para distante do pavio, sem o qual seriam espessas e impenetráveis, porque assim o permitia o contínuo processo da alimentação advinda da essência das oliveiras no pequeno reservatório.

Colóquio em família (Cap. 26 §45 Pág. 251)

João, cortando o silêncio, dirigiu-se a Maria, dizendo:

— Senhora, a lua já subiu bastante, não gostaria de repousar?

— Não agora, filho, se você não se importar. Tenho muito prazer em conversar com você. Aproveitemos este momento tão precioso em nossas vidas.

— Às vezes fico pensando na formação de sua família, da família de Jesus. No seu encontro com o seu esposo, mãe Maria, em como tudo aconteceu. Então, eu gostaria de saber como se aproximaram para constituírem uma família tão íntegra, envolvida pelas claridades da fé e da confiança absoluta no Pai. É possível?

— É possível, sim - respondeu Maria. - Conto-lhe com muito gosto, pois essas recordações me fazem feliz. Eu me casei com José muito nova e lhe digo que foi por amor, por admiração, e somente aceitei consorciar-me com ele porque vi naquele homem honesto, trabalhador, cumpridor dos seus deveres, probo, gentil e pacífico, o que eu ansiava para pai dos meus futuros filhos, na formação de uma família ideal e feliz, com raízes na fé, e não por convenções e arranjos familiares, como é comum acontecer para destaque e admiração diante dos outros.

— Pressões familiares, senhora? Não imaginei que isso poderia acontecer, pois a simplicidade é comum em nossa região de pescadores e os casamentos não se fazem assim.

Nunca compreendi por que minha família sempre insistiu para que me casasse com José. Sei que houve conversas a respeito entre nossos familiares. Alegavam-me que José era um homem importante, entretanto havia outros pretendentes, no meu entender, mais importantes do que José, e reparei que ele era objeto de interesse de outras famílias para suas filhas.

“Por outro lado, notava que os rabinos, os sacerdotes, os líderes do judaísmo pressionavam José para que se casasse, e sei que não importava com quem, alegando que o tempo, para ele, estava passando em demasia. Quando todos compareciam às principais festas, em Jerusalém, José sempre era alvo das atenções, principalmente dos sumos sacerdotes de cada ano.”

— E a Senhora não teve interesse em questionar e procurar saber as causas dessa atitude? - João perguntou, com respeito.

— Uma mulher questionar? Com que direito? E o que diriam! No Templo e nas sinagogas há um espaço destinado às mulheres, e os ensinamentos da Torá são dirigidos basicamente aos homens, prioritariamente aos patriarcas inquestionáveis da família.

“José também se casou comigo por amor, no momento em que decidiu, e não para atender aos reclamos das lideranças.”

João concluiu seu raciocínio buscando uma explicação lógica e compreensível da situação colocada por Maria:

— Acredito que encontrei as razões, minha mãe, pois se tornam muito claras para mim ao comparar o seu relato com nosso aprendizado, na sinagoga, sobre a Torá e toda a saga do povo hebreu.

— Então me explique, por favor, estou muito interessada.

— Das últimas catorze gerações, José descende da casa de Davi', ou seja, era preciso preservar o orgulho da raça na continuidade da linhagem que vem diretamente do primeiro patriarca, Abraão, desaguando em Davi, e tão importantes quanto isso são as profecias que afirmam, há mais e oitocentos anos, a vinda do Messias descendendo da 'casa de Davi' e nascendo em Belém.

“Estou certo de que as famílias pretendentes não desconhecem esse fato e, também por orgulho de raça, se sentiriam poderosas, diante de toda Israel, tendo o Messias nascido de uma de suas filhas.”

Mas o Messias veio em paz, ensinando o perdão e o amor até aos inimigos - interferiu Maria, com seu argumento -, reduzindo o decálogo inteiro, toda a Lei e todos os profetas a dois únicos mandamentos. E o contrário do que esperavam, não é meu filho? Não poderiam suportar.

— Essa é a razão: desejavam ardentemente um Messias que se igualasse a Davi, ao mesmo tempo um rei poderoso e dominador e um guerreiro corajoso que, quando jovem, eliminou o gigante Golias de Jet, vencendo a guerra contra os filisteus. Em resumo: um rei apoiado e coroado pela ânsia do povo, sob a antecipada autenticação das profecias, para expulsar, em definitivo, os dominadores, e testificar a supremacia sobre todas as nações.

— Eu compreendo, João, e concordo com você — acrescentou Maria, com imensa emoção na voz. — Não interessava a eles saberem que o reino do nosso Jesus não era deste mundo... Mas outra coisa compreendo, também: estão profundamente enganados quanto aos seus desígnios imediatistas e temporais em confronto com os sublimes e eternos desígnios do Pai Celeste. Eliminaram o homem, o filho de José e de Maria, da forma mais degradante; porém, não conseguiram eliminar a mensagem de renúncia, de fé, de esperança, de caridade e de amor a todas as gerações. Ao contrário, as dores e as humilhações, desde o sinédrio à via pública, pelas ruas de Jerusalém e da via ao Calvário, diante de tantas testemunhas oculares, abriram caminho para a história do futuro, confirmada pela ressurreição tão exuberante e contundente e pelas centenas e centenas de seguidores da Boa Nova, que brotam em toda parte. Sem o saberem, é esse mesmo Golias de nossa época, o Império dominador, que favorecerá a divulgação do Evangelho em virtude da extensão territorial dos seus domínios...

Após uma pausa mais longa, Maria de Nazaré olhou interrogativamente para João, estimulando-o a prosseguir.

— E a vinda de Jesus? Como foram avisados de que chegara a hora em que deveriam cumprir-se as profecias; a concretização, na Terra, da vontade soberana do Pai?

— Indescritível, meu filho! Podemos lhe oferecer uma pálida ideia por causa das emoções e sentimentos desencadeados no íntimo de nossas almas, tamanha a grandiosidade do momento.

Assim Maria se expressou, buscando recobrar os fatos nos refolhos da memória. Ela sorriu e contou, emocionada, a narrativa que tantas vezes ouviu de José, seu esposo amado:

— Era uma noite como outra qualquer, ao final de um dia laborioso e cansativo. José deitou-se mais cedo e adormeceu, de imediato, em sono profundo. Em sonho, ele se viu simultaneamente de pé e deitado no leito e, quando deu conta, estava leve e se sentia feliz, com expressiva liberdade e pleno de consciência. Aos poucos, no meio do clarão que se formara perto dele, mostrou-se vivo e belo como um anjo, um ser que disse chamar-se Gabriel.

“Gabriel o olhou no rosto, por um intrigante e prolongado tempo, e depois falou sem articular qualquer palavra pelos lábios. Ele falou, com nitidez, que José do Messias tão esperado há séculos pelo nosso povo tão sofrido.

“Quando veio conversar comigo sobre seu sonho, eu o surpreendi com a experiência vivida por mim mesma, com o mesmo anjo Gabriel.”

Dito isso, Maria silenciou por um instante, olhando ternamente para João, para prosseguir, relatando sua própria experiência:

— Certa noite, envolvida pela paz de minhas orações, senti ligeiro abalo, quando dormia, e leve, muito leve, meu corpo pareceu flutuar... Minha consciência se ampliou, sem limites, a tal ponto que meu corpo e tudo o que me cercava perdeu significação.

“Um ser muito belo, envolto por fina névoa translúcida e ligeira mente azulada, que disse chamar-se Gabriel, falou que eu receberia, em meu ventre, como filho, um emissário divino, o Messias prometido, esperado há tantos séculos. Deveríamos dar-lhe o nome de Jesus.”

— Senhora, como se sentiu diante da notícia, recebida de uma forma tão inesperada? - perguntou o discípulo, com vivo interesse. - Não consigo imaginar...

— João, meu filho, quando consegui articular alguma palavra, no estado de êxtase em que me encontrava, sob o encanto com que o anjo me impregnara, respondi que o Senhor havia atentado para a minha pequenez e insignificância, mas que eu seria a serva honrada e obediente àquele chamado, embora reconhecesse estar distante de qualquer merecimento. Porém, disse-lhe que aceitaria por minha própria necessidade de crescimento espiritual e que faria tudo para ser digna de tamanha missão. Foi como eu disse: o Senhor atentou na minha baixaza.

“Não há como definir a avalanche de emoções: ora sorria, ora chorava, pois me via na real posição de uma jovem, como tantas outras, na inocência da idade guindada às condições da maternidade; via também, independentemente do comum das mães, a beleza simultânea inusitada e assustadora da confiança divina.”

“O anjo, sorrindo, olhou-me e, ante o meu silencioso tumulto interno, abraçou-me. Toda a minha ansiedade desapareceu como que por encanto.”

OS MISTÉRIOS DO UNIVERSO

José Naufel

Cap. XII itens 13, 15, 20 Pág. 229

13. Seu comportamento era o normal de toda mãe de família consciente. Assim, os Magos "entraram na casa e viram o Menino com Maria, sua mãe" (Mt, 2,11); juntamente com José, Maria, quando se completara os dias para eles se purificarem, levou Jesus a Jerusalém, para apresentá-lo ao Senhor, no Templo (Lc, 2, 22 e 23); sempre com José, levou, Jesus a Jerusalém para a festa da Páscoa (Lc, 2, 42); afligiu-se quando o menino não foi encontrado na comitiva na volta e alegrou-se quando o encontrou entre os Doutores; emocionada, lhe perguntou: "Filho, por que você fez isso conosco? Seu pai e eu o estávamos procurando, cheios de aflição..." (Lc, 2, 48); nas bodas de Caná, para a qual ela, Jesus e seus discípulos tinham sido convidados, tendo acabado o vinho, afligiu-se pelo noivo e disse a Jesus: "Eles não têm mais vinho", levando o filho a transformar água em vinho (Jo, 2,2); acompanhou, com o coração apunhalado, a Via Crucis e, "quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: "Mulher, eis aí teu filho." Depois disse ao discípulo: "Eis aí tua mãe" (Jo, 19, 26 e 27). Assim, Maria foi confirmada como nossa mãe.

Narra João que depois dessa hora em diante, o discípulo a levou para sua casa (19, 27), onde viveu o resto de seus dias.

15. José era noivo de Maria e a levou para sua casa, consumando o casamento, após ter tido o sonho em que o anjo lhe dizia para não ter dúvida em tomá-la por esposa (Mt, 1, 20 e 21).

Os Evangelhos fazem referência aos irmãos e às irmãs de Jesus, chegando mesmo a citar os nomes dos irmãos: Tiago, José, Judas e Simão (Mt, 13, 55; Mc, 6, 3), embora não o tenham feito relativamente às irmãs. Mateus pergunta, referindo-se a Jesus: "E suas irmãs, não moram todas aqui no nosso meio?" Ora, se Jesus tinha irmãos e irmãs e sendo José e Maria casados, vivendo juntos em plena harmonia e amando-se reciprocamente, por que não considerar que os irmãos de Jesus eram filhos do casal?

Cumpramos registrar que alguns teólogos aventam a hipótese de que José seria viúvo e tinha filhos do seu primeiro matrimônio. Outros sugerem que, no conceito dos judeus de família ampliada, os primos de Jesus seriam tidos como irmãos, não o sendo, no entanto, no sentido jurídico do termo.

JOSÉ, O CARPINTEIRO

20. José era um homem justo e trabalhador, um chefe de família exemplar. Vivia em Nazaré, onde era carpinteiro, provendo sempre e com eficiência as necessidades de Maria e Jesus. Este o ajudava no seu ofício, que aprendeu com ele.

José, no entanto, não era um carpinteiro no sentido usado hodiernamente, nem mesmo um simples marceneiro. Era mais do que isso. Era um artesão da madeira, fazendo não só móveis, mas até mesmo estruturas de casas. Era uma espécie de engenheiro e arquiteto lavrando a madeira. É possível que tenha sido empreiteiro em muitas obras em que a madeira era básica.¹²²

MENSAGEM FINAL

Luiz Pessoa Guimarães

Um assunto às vezes, tão incompreendido e tão ricamente abordado nas obras espíritas, temos agora a oportunidade de compará-lo, confrontá-lo e às vezes completar o sentido quando lido em conjunto na visão de autores encarnados e desencarnados. Podemos aplicar aqui a máxima consoladora do Cristo "Conhecereis a Verdade e ela vos libertará". A Verdade foi colocada nos livros, precisamos lê-los.

NOTA 1: texto também catalogado como "Informação Antidoutrinária"